

Deixem o presidente sorrir

O GLOBO

21 FEV 1996

MARCELLO ROLLEMBERG

Desde que assumiu a Presidência da República, Fernando Henrique Cardoso tem chamado a atenção da imprensa e dos políticos de um modo geral por uma característica que pouco ou nada — aparentemente — tem a ver com o fazer político: ele sorri. E muito. Abre-se um jornal, qualquer que seja, e lá está o presidente mostrando os dentes, por vezes em um sorriso de orelha a orelha. O fato em si não teria tanta importância — afinal, qual é o problema de termos um presidente bem-humorado? — se uma parcela significativa da sociedade, principalmente aquela que forma opinião ou que se aproveita dela, não visse nisso um mau sinal. Mau?

De uma maneira às vezes subliminar — como em uma legenda de foto publicada recentemente na primeira página do jornal "Folha de S. Paulo", que dizia "FHC, sorrindo (o grifo é meu)" — ou

Cardoso, FH
direta, como nas charges de Luís Fernando Veríssimo, nas quais, vira e mexe, uma cobra pergunta para outra: "De que ele tanto ri?" Ora, e daí que ele esteja rindo?

Isso, ao contrário do que possam pensar os urubus que passeiam por sobre os girassóis, é um bom sinal. Sem querer ser *naïve*, é bom lembrar que, depois de muitos anos, vivemos um período de relativa tranquilidade política, em que o foco das discussões mudou de patamar, chegando-se a um nível, ao que tudo indica, civilizado. O país está mudando, ou será que ninguém se deu conta disso ainda? De que forma se dará essa mudança é um outro ponto de discussão. O importante é que relaxamos um pouco, e o sorriso do presidente pode ser uma prova disso.

Ou será que há por aí saudosos de tempos menos sorridentes, quando o que ilustrava as páginas de jornais e as telas de TV era a sisudez de um general-presidente ou, mais recentemente, o esgar vidrado de Fernando Collor? Essa picuinha com o sorriso de Fernando Henrique mais se assemelha àquela do monge beneditino do romance "O nome da rosa", de Umberto Eco, que perseguia o riso como se fosse uma forma de heresia.

Fazer bem política — ou qualquer atividade, em suma — não quer dizer, necessariamente, fazer de mau humor, carrancudo. Pode-se dizer e fazer coisas muito sérias com um sorriso nos lábios. O resultado é muitas vezes melhor do que o conseguido quando se faz cuspidando marimbondos.

O bom humor é, antes de mais nada, sinal de in-

teligência. Grandes pensadores do mundo ocidental usaram a verve bem dosada para dizer coisas que até hoje reverberam por aí. Voltaire e Erasmo de Roterdã, por exemplo — para ficarmos só em dois nomes emblemáticos — lançaram mão de fórmulas bem-humoradas para mudar, e muito, a maneira de o homem entender o mundo. Não estou comparando Fernando Henrique a nenhum desses dois pensadores — até porque não é o caso — mas apenas ilustrando.

Além do mais, sorrir, mostrar uma certa leveza no comportamento social não significa, de modo algum, ser frouxo no trato da "coisa pública" ou pouco caso com o país. É apenas, digamos, uma forma pessoal de encarar a "liturgia do cargo". Torná-la, talvez, menos opressiva.

Vamos deixar Fernando Henrique rir em paz.

Desde que não seja de nós, não há problema algum.

MARCELLO ROLLEMBERG é jornalista.

FAZER BEM
POLÍTICA NÃO
QUER DIZER
FAZER DE
MAU HUMOR
